

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA
COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

THÂMY CRISTINE COSTA BARBOSA

**EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS DO MOVIMENTO RIBEIRINHO EM PARINTINS
(AM)**

**Parintins-AM
2023**

THÂMY CRISTINE COSTA BARBOSA

**EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS DO MOVIMENTO RIBEIRINHO EM PARINTINS
(AM)**

Artigo científico apresentado ao Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, ICSEZ/UFAM, como Trabalho de Conclusão de Curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Maria Eliane de Oliveira Vasconcelos.

**Parintins - AM
2023**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B238e Barbosa, Thâmy Cristine Costa
Educação e memórias do movimento ribeirinho em Parintins (AM)
/ Thâmy Cristine Costa Barbosa . 2023
23 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Maria Eliane de Oliveira Vasconcelos
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Educação do campo. 2. Granav. 3. Movimentos sociais . 4.
Ribeirinho. I. Vasconcelos, Maria Eliane de Oliveira. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS DO MOVIMENTO RIBEIRINHO EM PARINTINS (AM)

Thâmy Cristine Costa Barbosa¹

Maria Eliane de Oliveira Vasconcelos²

RESUMO

Esta pesquisa de abordagem qualitativa partiu de inquietações dos membros do GRANAV (Grupo Ambiental Natureza Viva) sobre a trajetória histórica do movimento ribeirinho que das lutas em defesa dos lagos da região do Paraná da Ilha de Parintins, vem pautando as lutas por educação em seus territórios rurais, o que nos levou a indagar: Qual a relação entre educação e movimento social a partir das experiências e memórias do movimento ribeirinho do PAE (Projeto de Assentamento Agroextrativista) Ilha Paraná de Parintins no período de 1992 a 2020? Traçamos como objetivo: Compreender a relação entre educação e movimento social a partir das experiências e memórias do movimento ribeirinho do PAE Ilha Paraná de Parintins no período de 1992 a 2020. O caminho metodológico fundamentou-se na perspectiva histórica, com a técnica de pesquisa história oral, realização de entrevistas e gravação para registro do conteúdo narrativo. O estudo está fundamentado em Albuquerque, Lins e Albuquerque (2004), Albarado (2016), Spínola (1997), Pereira (2004), Albuquerque (2012), Thompson (2002), Alberti (2005), Le Goff (1990), Gil (2007), Delgado (2010), Freire (1987), Arroyo (2003) e Caldart (2000). Os resultados indicam a importância da luta do movimento ribeirinho para a construção de uma consciência ambiental dos sujeitos das comunidades envolvidas, o protagonismo na área da Educação do Campo em Parintins e a afirmação das relações de pertencimento a identidade amazônica e à sua sociobiodiversidade.

Palavras-chave: Educação do campo; GRANAV; Movimentos sociais; Ribeirinho

ABSTRACT

This research with a qualitative approach started from the concerns of the members of GRANAV (Grupo Ambiental Natureza Viva) about the historical trajectory of the riverside movement that, from the struggles in defense of the lakes in the Paraná region of the Ilha de Parintins, has been guiding the struggles for education in their territories rural areas, which led us to ask: What is the relationship between education and social movement based on the experiences and memories of the riverside movement of the PAE (Agroextractivist Settlement Project) on Paraná de Parintins Island from 1992 to 2020? Our objective is: To understand the relationship between education and social movement from the experiences and memories of the riverside movement of the PAE Ilha Paraná de Parintins in the period from 1992 to 2020. The

¹ Graduanda em Pedagogia pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – UFAM. E-mail: thamycrisbarbosa@gmail.com

² Professora Doutora do curso de Pedagogia, do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – UFAM. E-mail: mariaev@ufam.edu.br

methodological path was based on the historical perspective, with the technique of historical research orally, conducting interviews and recording to record the narrative content. The study is based on Albuquerque, Lins and Albuquerque (2004), Albarado (2016), Spínola (1997), Pereira (2004), Albuquerque (2012), Thompson (2002), Alberti (2005), Le Goff (1990), Gil (2007), Delgado (2010), Freire (1987), Arroyo (2003) and Caldart (2000). The results indicate the importance of the struggle of the riverside movement for the construction of an environmental awareness of the subjects of the communities involved, the protagonism in the area of Rural Education in Parintins and the affirmation of the relations of belonging to the Amazonian identity and its socio-biodiversity.

Keywords: Rural education; GRANAV; Social movements; Riverside

INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais enquanto mobilização, organização e luta por transformações (Ghedin, 2013) são fundamentais para compreensão da educação como política pública de estado e direito humano, passando, inclusive a ser prevista na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996). As décadas de 1980 e 1990 foram um marco na atuação de vários sujeitos coletivos que aprofundaram raízes em lutas históricas por direitos sociais, culturais, ambientais e étnicos.

Considerando essa realidade de mobilização social das décadas de 1980 e 1990, destacamos que no Amazonas foi marcante a atuação do movimento ribeirinho em defesa dos lagos e do direito a ter peixe para alimentar as famílias (Spínola, 1997). Esse movimento, com o apoio da Comissão Pastoral da Terra/CPT do Amazonas, mobilizou vários municípios ao longo de 20 anos com encontros e estratégias populares de formação. Dentre esses municípios, destaca-se Parintins, por meio do Grupo Ambiental Natureza Viva/GRANAV que não deixou de contribuir com os povos ribeirinhos no processo de lutas em defesa do meio ambiente e educação do campo. Logo torna-se importante estudar essa organização social em sua constituição histórica, para compreender os processos de mudanças e permanências no contexto social, cultural e educacional marcantes dessa trajetória.

O processo de escuta junto às lideranças desse movimento, no momento de realização de uma das rodas de conversa promovidas pelo Fórum Parintinense de Educação do Campo, das Florestas e das Águas Paulo Freire/FOPINECAF, em janeiro de 2020, indicou que essa luta pelo lago é a luta pela vida, pelo alimento, pela educação, mas é preciso saber o que mudou na trajetória histórica desse movimento de luta pelo bem coletivo e delinear os passos futuros.

Questões importantes colocadas por essas lideranças instigaram a realização deste estudo nos levando a problematizar: Qual a relação entre educação e movimento social a partir das experiências e memórias do movimento ribeirinho do PAE Ilha Paraná de Parintins no período de 1992 a 2020?

Sobre o objeto deste estudo que é a construção histórica do movimento ribeirinho do PAE Ilha Paraná de Parintins e suas articulações com a educação, definimos como objetivo geral: compreender a relação entre educação e movimento social a partir das experiências e memórias do movimento ribeirinho do PAE Ilha Paraná de Parintins no período de 1992 a 2020. E como específicos: Descrever a trajetória histórica de luta e mobilização social do

movimento ribeirinho por meio de relatos orais de lideranças comunitárias que atuaram nesse movimento; Identificar qual a realidade dos territórios e lagos quando o movimento foi criado, como está atualmente essa realidade e quais as novas pautas de luta e mobilização; Analisar as perspectivas e os desafios desse movimento face a realidade atual de degradação ambiental.

Esperamos com este estudo, contribuir para o despertar da consciência para a vida, que é a consciência histórica, a consciência ambiental e a consciência humana que precisam da educação, como processo formativo, para se efetivar na sociedade e também esperamos contribuir para dar visibilidade à identidade deste movimento ribeirinho que é parte da identidade amazônica nas lutas pelas águas e pela vida em sua sociobiodiversidade.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 História Oral e Memória

As histórias sempre fizeram parte do imaginário humano, sempre houve essa necessidade que as próximas gerações saibam como ocorreram certos momentos considerados importantes. Desde então, histórias são contadas de mãe para filha, filha para neta e assim por diante, passando de geração em geração. Muitos desses contos podem não ser histórias, as vezes são receitas, recordações, lembranças de um acontecimento vivido, experiências, entre outros. O fato é que as histórias orais são importantes no decorrer da existência humana e nesse processo a memória é a base de tudo, como nos revela Delgado.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações [...] (Delgado, 2010 p.15).

De certa forma, aquilo que hoje é contado já foi uma ação algum dia. Nesse sentido, os relatos da história oral nos remetem a fatos que ocorreram no passado e a ação produzida resultou em mudanças na vida e no ambiente vivido. Buscamos através dos relatos reviver momentos e trazer à tona emoções e experiências ocultas sob o véu do tempo passado, e a riqueza de detalhes que nos relataram os entrevistados é surpreendente, pois a memória coletiva reacende o sentimento de pertencimento e identidade dos sujeitos. A história oral é um procedimento que se faz necessário para a construção de conhecimentos outrora desconhecidos ou esquecidos por uma sociedade, pois traz a realidade das falas de sujeitos ocultos, além de ser um dos caminhos para a construção de olhares sobre a história. Nesse sentido a memória é a base para essa construção.

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada [...] (Delgado, 2010, p.16)

O resgate de memórias individuais e coletivas acerca do movimento ribeirinho do PAE (Projeto de Assentamento Agroextrativista) Ilha do Paraná de Parintins, não somente no sentido ambiental, mas também no educacional, tornou-se relevante para aquela região e para a história de luta ribeirinha no Amazonas pois, torna-se um capítulo da história humana de resistência e convivência com o ambiente de forma emancipada. Segundo Le Goff, (1990, p.65) “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje[...]”. Nesse sentido a memória torna-se instrumento de emancipação, mas também de construção de identidades de sujeitos invisibilizados em todos os seus direitos.

A necessidade de saber como o GRANAV colaborou com a educação, nos leva a analisar as memórias individuais e coletivas dos ribeirinhos, pois as memórias coletivas, de acordo com Pollack (1989, p.4):

Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas [...] aplicada a memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto, pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização de memórias.

É a partir das memórias coletivas que os sujeitos se tornam protagonistas de suas histórias. Para tanto, a narração das memórias tem que haver coerência entre elas para evitar as modificações que os sentimentos pessoais possam inferir aos relatos, enquadrando-os para manter a fidelidade dos fatos.

1.2 Movimentos sociais e educação: uma relação transformadora

Movimentos sociais e educação andam lado a lado nesse viés de conhecimentos. No contexto das comunidades ribeirinhas, os movimentos sociais são uma parte marcante da história, pois eles nasceram através dos encontros nos fins de semana, as reuniões após as missas, onde eram levadas as pautas de discussão das comunidades. De acordo com Silva (2006, p. 60):

Os movimentos sociais do campo vêm se constituindo ao longo de nossa história, como um espaço de compreensão e luta da realidade camponesa, de conhecimentos e (re) conhecimento dos saberes, cultura e dos direitos dos sujeitos do campo, de produção de uma teoria e uma prática pedagógica, por isso, sentimos necessidade de recuperar a memória no sentido de identificar os diferentes ensinamentos que essa iniciativas construíram ao longo da nossa história.

Essas pautas de luta mudam de acordo com a época, contexto, ou causa, mas sempre são provenientes das camadas menos assistidas da sociedade. Ribeiro (2004, p. 37) exemplifica que “movimento é próprio dos organismos vivos”, logo se entende que no próprio sentido da palavra, só existe movimento onde há vida, e o campo vem a ser esse espaço dinâmico, repleto de vidas, criativo, cheio de sujeitos com raízes que de acordo com Silva (2006, p. 64) “enraizado é o sujeito que tem laços, que participa de uma coletividade, que permite olhar para trás e para frente, que conserva vivo certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”. Logo, o sujeito do campo, que nunca fica parado e tem interesse em mudar não só a sua realidade como também a do seu coletivo, se organiza para partir em busca de melhorias que irão beneficiar a todos, trazendo através das lutas o progresso de acordo com o seu contexto.

No entanto, os movimentos sociais, de acordo com Ribeiro (2004, p. 39), “podem ser de caráter tanto revolucionário, quando a sua luta é por transformação, como reacionário, quando é por resistência a mudanças”. E nesse viés, o caráter educativo dialoga com o sentido transformador dos movimentos sociais, pois é nesse chão que o sujeito do campo enraizado na sua terra aprende sobre seus direitos e cada vez mais busca sua reeducação, não só para o mercado de trabalho e sim para sua transformação como sujeito social e também seu reconhecimento como sujeito educativo.

Quando Arroyo (2003, p. 30) destaca que Paulo Freire não “inventa metodologias para educar adultos, camponeses ou trabalhadores[...] mas sim nos reeduca na sensibilidade pedagógica para captá-los como sujeitos da educação, de construção de saberes, conhecimentos, valores e cultura”, desvela-nos que apesar de oprimidos ou excluídos, esses sujeitos tornaram-se exemplo de humanização, pois em conjunto conseguiram educar suas gerações através dos ensinamentos a eles passados e assim manter viva a lembrança dos que se foram.

Desta forma os movimentos sociais despertam a luta por direitos e a partir dessa luta, o sujeito do campo passa a cobrar por políticas públicas que funcionem para todos. Uma vez alcançados os objetivos básicos da luta e sendo esses não adequados para o contexto, forma-se uma nova batalha no âmbito pedagógico para que essa educação seja ampla, que seja abrangente na educação formal e não-formal, pois no campo não existe somente um tipo de educação. Para

a educação do campo qualquer local é lugar de aprendizado. Caldart (2000) nos faz refletir que devemos parar de pensar a educação somente através da análise da escola, pois a educação dos movimentos sociais quebra com essas barreiras, precisamos refletir sobre uma educação ampla, que formem sujeitos humanizados.

2 METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos seguem por uma abordagem qualitativa, a qual busca apreender sentidos, percepções e experiências dos sujeitos no contexto sócio cultural vivido (Gil, 2007), contribuindo com o aprofundamento da temática investigada. A técnica de pesquisa é a história oral fundamentada em Thompson (2002), Alberti (2005), Meihy (1996), e Delgado (2010), a qual considera as experiências dos sujeitos e se volta para a memória enquanto reveladora de narrativas sobre seus trajetos de vida e ligações com a temática investigada. Essa técnica ancora-se na perspectiva histórica delineada por Le Goff (1990) e Thompson (1981), principalmente.

As coletas de dados das fontes orais ocorreram por meio de rodas de conversa e diálogos entre pesquisadores e entrevistados que requerem do pesquisador atitude empática e de confiança, da arte de ouvir da parte de quem pergunta e a arte de contar da parte que quem é entrevistado. Essa coleta ocorreu na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, PAE (Projeto de Assentamento Agroextrativista) Ilha Paraná de Parintins, região constituída por mais de três (03) lagos.

As atividades de campo respeitaram as medidas de biossegurança em função da pandemia de Covid-2019, envolvendo 07 lideranças comunitárias que participaram e/ou participam do processo de mobilização e de luta do movimento ribeirinho de Parintins, mais especificamente do Grupo Ambiental Natureza Viva- GRANAV. Os sujeitos da pesquisa foram selecionados conforme o critério de participação por no mínimo 10 anos no movimento e ser comunitário.

Realizamos duas atividades de pesquisa na comunidade. A primeira foi em 27 de novembro de 2021 por ocasião da Assembleia da entidade, nesse momento foi possível apresentar o desenho da pesquisa e obter a anuência dos participantes, para seguir os passos necessários à escuta dos depoimentos, que segundo Delgado (2010), “cada depoimento é único e fascinante em sua singularidade e potencialidade de revelar emoções e identidades”. Nesse primeiro momento foi possível fazer o registro de 4 relatos de lideranças.

A segunda atividade de pesquisa foi nos dias 06 e 07 de maio de 2022, nesse momento entrevistamos 3 lideranças, as quais relataram as dificuldades enfrentadas no início da resistência contra a invasão dos lagos, a vigília e as estratégias construídas coletivamente em defesa dos lagos daquela região. Estratégias que também foram internalizadas por outras comunidades rurais do município de Parintins.

2.1 A Comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – *Lócus* da pesquisa

Figura 1: Quadro da comunidade



Fonte: Acervo próprio

A Comunidade Nossa senhora do Perpétuo Socorro, está localizada no Paraná Da Ilha de Parintins-Am, PAE (Projeto de Assentamento Agroextrativista) distante 35 Km da sede do município, [...]inundada na margem direita do rio Amazonas, a oeste de Parintins (AM), localizada entre os paralelos 02°28' e 02°36'S e os meridianos de 56°36' e 56°24' W, [...], na divisa do estado do Amazonas com o Pará” (Albuquerque, 2012, p. 25 Apud Albarado 2016 p. 99).

Pode-se chegar à comunidade por viagens em barcos de recreio ou qualquer outra embarcação. Os comunitários residentes na ilha são pessoas acolhedoras que no início da conversa se mostram reservadas, mas aos poucos vão se mostrando muito receptivas. Assim, como em outras comunidades ribeirinhas, são pessoas brincalhonas, que vivem de um modo simples baseado em seus pequenos plantios, produção de abelhas (meliponicultura), criação de animais, nada muito grandioso a ponto de impactar o meio em que vivem. São pessoas

preocupadas com o meio ambiente, a preservação é levada muito a sério, pois sabem que dependem dela para a sobrevivência de todo o sistema em que estão inseridos.

Conservam alguns costumes indígenas, muito comuns no povo nortista, são pessoas interessadas em contribuir com a educação, o que facilitou a coleta das entrevistas, pois a educação é um ponto indispensável na vida de uma sociedade e foram muito enfáticos ao dizerem que se alegram que jovens se interessem por questões regionais e importantes como a educação e a preservação, que todos precisam de estudo para entender que não podemos deixar de preservar para conservar.

A Ilha do Paraná de Parintins-Am é o berço do GRANAV, foi ali que começaram os encontros que culminaram com a sua criação, os comunitários convidam às outras comunidades quando precisam se reunir para discutir as pautas de luta e resistência, os acordos de pesca, enfim, tudo relacionada a boa vivência da comunidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. A Construção Da História Do GRANAV

Entre as décadas de 1980 e 1990, se tornam ainda mais evidentes os conflitos nos territórios ribeirinhos do Amazonas, com o aumento da pesca predatória e a expulsão de ribeirinhos de suas terras de vida e trabalho, por falta de alimento e políticas públicas de inclusão social. O movimento ribeirinho nasce nesse contexto, e cria estratégias de luta e resistência que se assemelha aos adotados pela luta dos seringueiros no Acre, utilizando os *empates*, técnica de enfrentamento usado com o propósito de impedir a pesca predatória e o desperdício do pescado (Spínola, 1997). Maybury-Lewis (1997), ressaltam que os empates ribeirinhos foram inspirados nos empates promovidos pelos seringueiros do estado do Acre.

Essas práticas de resistência e enfrentamento levaram aos empates dos ribeirinhos e suas famílias contra os predadores profissionais e até mesmo os artesanais. Em algumas situações no Projeto de Assentamento Agroextrativista- PAE Ilha Paraná de Parintins no Amazonas esse enfrentamento gerou muitos conflitos. Os ribeirinhos do PAE organizaram-se em coletivos e, por iniciativa própria, começaram a impedir a pesca nos lagos que existiam no seu território, principalmente a pesca comercial (Albarado, 2016).

Mesmo sem entenderem sobre as leis de preservação, mas sentindo a necessidade de protegerem a única fonte de subsistência da comunidade, os comunitários previram que a pesca predatória seria o fim da fartura de peixes, pois uma vez que os barcos entravam num lago, só paravam quando não restavam mais peixes, exaurindo-o, acabando com boa parte ou

por completo, todo o sistema que mantinham os lagos. Como forma de parar a invasão começaram a fazer vigílias por conta própria na beira do lago. Iniciando assim uma série de acontecimentos que chamou a atenção não só dos ribeirinhos como também das autoridades do município. Diante dessa situação, um grupo de jovens com apoio dos pais, passaram a participar tanto das vigílias dos lagos da região do Paraná de Parintins quanto dos encontros de formação de lideranças ambientais (Albuquerque; Lins e Albuquerque, 2004; Albarado, 2016; Pereira, 2004).

No dia 28 de fevereiro de 1992 o Grupo Ecológico Natureza Viva (GRENVA) foi institucionalizado, e depois passou a se chamar Grupo Ambiental Natureza Viva (GRANAV) (Albarado, 2016, p.77).

3.2 Memórias sobre o nascimento do movimento ribeirinho: “Porque antes de começar o Granav nós já vigiávamos o lago”

O primeiro contato com as lideranças do GRANAV, com o objetivo de conversar sobre as atividades deste projeto de pesquisa ocorreram durante a realização da Assembleia realizada pela entidade no dia 27 de novembro de 2021, na sede social da comunidade ribeirinha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, além das lideranças, estavam presentes também alguns comunitários.

A assembleia iniciou com um momento de descontração e apresentação dos participantes em uma roda de conversa. Entretanto, em função da falta de quórum o ponto de pauta não pode ser apreciado. Sendo assim, o coordenador da entidade apresentou a equipe do projeto de pesquisa (bolsista e orientadora) e solicitou que apresentássemos a proposta, cuja ideia inicial partiu de uma solicitação da própria organização. Ao expor os objetivos do projeto, pedimos a autorização para realizarmos as gravações em áudio para posteriormente transcrevê-las, conservando a fidelidade dos fatos. A autorização foi concedida pelos presentes e para preservar a identidade dos participantes iremos nos referir a eles com codinomes de espécies de árvores, vegetação aquática e peixes da região.

Ao iniciarmos a conversa questionamos sobre o início de tudo, antes do GRANAV, já havia algum movimento para preservar o lago e toda a sua biodiversidade? As lideranças relataram que:

[...] eu não sei a data, tem até um livro aí. Eu acho que conta a data. Porque antes de começar o Granav nós já vigiávamos o lago. Depois, nós fizemos uma “parceiragem” dos moradores com os comunitários, com o delegado, agentes de saúde né? E aí a

gente andava assim de canoa a noite, de casco lá com o agente de polícia conosco, reparando. (Sr. Apuizeiro, Membro do GRANAV, 86 anos, entrevista, 2022).

O entrevistado identificado como Sr. Apuizeiro, tem 86 anos e suas memórias não são tão convictas sobre os anos que ocorreram os empates, mas relata com precisão as ações na beira do lago e como eram. Ainda relembra com bom humor que as vigílias eram quase sempre acompanhadas de muita descontração e camaradagem, mas o cuidado era redobrado, pois não sabiam o que poderiam encontrar durante a noite.

É... mas quando nós íamos assim proibir, Deus nos livre, eles queriam bater na gente. Eles não ficavam satisfeitos não. E aí depois que fundou o Granav, aí que a luta partiu mesmo que vinha gente de todo lado. É... mas olha, na boca do lago tinha uma árvore muito bonita, um apuizeiro como a gente fala, lá nós fizemos um acampamento, limpamos tudo aquilo. Afincávamos as estacas e íamos pra lá cinco horas da tarde pra passar a noite, nós levávamos comida e levava farinha, e tinha que fazer uma temperada de pinga, pra levar pra aguentar. E lá a gente afincava os paus para atar rede, de manhã a gente vinha embora e quando a gente voltava de noite lá, já tinham tirado tudo, já tinham cortado os paus. (Sr. Apuizeiro, Membro do GRANAV, 86 anos, entrevista, 2022).

Ele conta como eram as noites de vigília, a angústia que algo de ruim acontecesse com alguém, sempre existiu. Quando iam falar com os próprios moradores para sensibilizarem-nos eram tratados com grosseria, pois os mesmos não queriam saber. Na fala abaixo ele faz um relato sobre certa vez que um de seus filhos sofreu violência física por uma pessoa da própria comunidade. O medo era constante de haver alguma tragédia por conta da resistência na luta por sua sobrevivência, mas o pior era ter que lutar com os próprios comunitários.

[...] Quando começava a encher, que a água entrava, aí parava de vigiar lá. Mas era perigoso, esse meu filho que esteve ontem aqui quase o cara cortava ele porque nós fomos dizer pra ele pra não entrar, ele correu atrás do meu filho com terçado e meu filho escorregou, quase que pega, e era daqui mesmo o cara [...] (Sr. Apuizeiro, Membro do GRANAV, 86 anos, entrevista, 2022).

Quando indagados sobre a criação do GRANAV, os relatos são cheios de nostalgia ao lembrarem da infância e da admiração por quem lhes levava conhecimento ou falava em nome deles.

Como que nasceu o GRANAV? Na época de 1989, 1888, mais ou menos, nós éramos curumins tuíras da beira do Paraná, [...] e todo mundo tinha um agrado. Mas a nossa origem foi a religião, nesse lado aí a religião católica predominava, dominava as três comunidades. E a gente acreditava muito como acredita até hoje, que existe um ser poderoso. Na época o que faltava? Faltava alguém de dentro da igreja pra falar o que nós queríamos. Aí em 1990 ou 1989 apareceu um doido chamado “Manoel do Carmo” que incentivava a gente a lutar, outro foi Floriano Lins, Fátima Guedes, várias irmãs que passaram e contribuíram. Porque o nosso papel na igreja era fundamental, porque

nós éramos jovens e as professoras que nos davam aula tinham aquela visão que aquilo que nós fazíamos era certo[...] (Sr. Capitarizeiro, Membro do GRANAV, 56 anos, entrevista, 2021).

O entrevistado nos relata sobre o início do grupo, eles já haviam percebido que se não lutassem pela sua sobrevivência e barrassem os barcos, logo eles não teriam alimento e por isso viviam entrando em conflitos com os pescadores profissionais, o apoio nessa época vinha principalmente da família, da escola e da igreja que teve um papel fundamental para o crescimento do grupo. Segundo Vasconcelos e Hage (2017), a igreja organizava os encontros entre a comunidade, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e as Comunidades Eclesiais de Base (CEB), sempre articulando os problemas ribeirinhos com a fé e a vida bem como o relato abaixo descreve.

[...] a gente pescava, assim como o Adilson falou, ele pescava, eu pescava, todo mundo pescava, só que a igreja não tinha esse apoio fundamental como se organizar, quando foi um dia aqui na beira do paraná passou um iate, foram subindo. Esse iate, eu estou esquecido do nome nesse momento, mas Fernando Rocha e Ivan Natividade, Raimundo Rocha, Eraldo Albuquerque, estão lembrados, eles pararam lá na casa do meu tio, eram os ativistas, estavam fazendo trabalho de pesquisa. Eram pesquisadores. Eles pararam lá e eles contaram a história, então eles lançaram a proposta de se criar um grupo. Aí o Fernando na época, tinha o grupo de jovens da igreja, lançou a proposta pra gente, e a gente começou a fazer o trabalho.

Bom, a força pra mudar a situação mesmo dessa parte social veio a partir de quando começou a sair aquele regime ditador, aquela coisa que a gente tinha passado nos anos 60, 70, até 90. E entrou um movimento que deu força que foi a era Lula né, essa época do Fernando Henrique pra cá até chegar na era Lula houve uma suspensão [...] E então começou a surgir coisas que ajudou esse movimento no caso do GRANAV, aí quem ajudou a gente foi a CPT (Comissão Pastoral da Terra), que é um movimento da igreja, o MEB que é o Movimento de Educação de Base de Parintins que fortaleceu muito através do programa de rádio que tinha na rádio, a própria Rádio Alvorada não posso esquecer que levava as notícias, e mudou esse sistema, aquele sistema tradicional[...] (Sr. Capitarizeiro, Membro do GRANAV, 56 anos, entrevista, 2021).

Observamos nesse relato uma fala posicionada politicamente contra o regime ditatorial que sufocou os movimentos sociais e sindicais no Brasil. Isso confirma o quanto o movimento social é educador e conscientizador, proporciona leituras críticas da realidade (FREIRE, 1987). Como também na fala a seguir acontece essa relação com a política, no antigo governo as políticas públicas e de preservação foram quase extintas se não fosse pela força dos movimentos sociais que atuam como resistência se impondo às ordens dos governantes.

[...]Primeiro que, hoje em dia não se vê o que via antigamente, né? Eu estou com cinquenta e três anos aqui, né? Eu nunca saí daqui, foi todo tempo aqui mesmo. Eu via diferente, antigamente era mais farto[...] eu tenho compadre que criaram treze filhos aqui né? Não tinha a facilidade que tem hoje, mas eles foram bem criado, na fartura na base do peixe e da farinha viu? São cada macharrão, e hoje em dia existe facilidade, mas não tem aquela fartura que tinha antigamente. Se for perguntar pra aqui no interior próprio se as pessoas comem peixe todo dia vão dizer que não. É mais enlatado, é mais

frango, é mais carne, e antigamente era criado só no peixe, com a farinha e algumas verdura né? Hoje em dia não tem.

Quanto na lei eu acho que cada governo que assume enfraquece mais, né? Atual que a gente tem agora enfraqueceu tudo né? Ainda não está destruído porque felizmente ainda tem alguns que gritam, senão, já estava tudo já acabado. Mas a gente continua lutando aqui meio gritando sozinho, mas a gente continua. Sabe que é difícil você ficar contra o poder, né? Poder que domina. Sabe que é muito difícil[...]
(Sr. Canarana, Membro do GRANA, 56 anos, entrevista, 2022)

O MEB (Movimento de Educação de Base) se destacou pela sua contribuição no processo de organização das comunidades rurais, da formação de sindicatos e de formação política do povo que não tinha acesso à saúde, educação e assistência social. Esse movimento foi importante para a criação de outros movimentos em prol de outras lutas social. (Spínola, 1997)

A igreja foi um apoio importante para as reuniões, no entanto lhes faltava apoio jurídico, alguém que lhes desse um caminho a trilhar, assim ao encontrarem com ativistas que lhes orientaram em como prosseguir na luta pela preservação que também é a luta pela vida, criaram o grupo e mudaram também a visão sobre como deveria ser feito a liberação da pesca nos lagos. No pensamento dos comunitários, sem conhecimento das leis, o domínio sobre os lagos pertencia a eles que moravam na região, mas a contrapartida os pescadores profissionais tinham argumentos de que os mesmos tinham direito, como dito abaixo:

[...] A lei das águas ela diz que todo lugar que tem canal livre, ele é livre de acesso, então eles usavam esse argumento e entravam nos lagos, de todos os lagos, de toda forma possível. E é aí então que começam os conflitos com as comunidades, porque a comunidade já tinha em si, que aquilo que estava ali dentro do sistema pertencia a comunidade, e não a União, a gente não tinha esse entendimento de que pertencia a União. Nem conheciam essa lei, então o pertencimento daquele local era da comunidade não da União, quando o pescador chega ele diz: “não, isso aqui pertence a União, estou aqui com a minha carteira que me dá acesso”, então esse acesso fez com que eles comessem a entrar e os conflitos começaram[...].
(Sr. Pirarucu, Liderança do GRANA, 48 anos, entrevista, 2021).

Um olhar sob um outro ponto de vista nos diz sobre a preocupação de uma parte dos comunitários com a preservação dos lagos, como ficaria a sobrevivência deles se não podiam mais se alimentar com o que estavam acostumados. É cultural que o ribeirinho se alimente de peixes, quelônios, animais silvestres. É questão de sobrevivência. E com o conhecimento sobre as leis ambientais e sobre preservação, foi natural a preocupação sobre esse novo modo de viver, algo que trouxe impacto e dúvidas.

Uma das coisas que eu lembro, a primeira coisa que eu ouvi de preservação foi esse movimento aqui, logo no início. E teve muita preocupação com o povo naquela época,

porque como que vamos comer tracajá agora? Lembra? Como que vamos matar pirarucu pra vender? Não tirar o meu direito de fazer um curral de tracajá? Por que era assim tinham pessoas que faziam curral, tinha curral de pitiú, de tracajá, para comer ou para vender. Então eu lembro dessa primeira parte da preocupação do povo, eu era um garoto, uma criança [...] (Sr. Murizal, Membro do GRANAV, 57 anos, entrevista, 2021).

Quando indagados sobre qual a realidade dos lagos quando o movimento foi criado, os relatos revelam os momentos de fartura de alimentos e a diversidade de espécies que faziam parte do cotidiano alimentar dos comunitários da região e preservação dos leitões dos lagos. Momentos em que, inclusive, não predominava a perspectiva da pesca comercial.

[...] eu falo sempre assim que na época que nós fomos criados, fomos criados numa época com pirarucu, peixe boi, tartaruga, tracajá, capivara. Porque naquela época tinha muito, era muito peixe, muito farto, então tinha tambaqui grande. A gente ia aqui pro lago e no prazo de 30 minutos a 1 hora a gente já estava voltando porque tinha muito peixe, até para vender era difícil, se você matasse cinco tambaquis você não tinha pra quem vender, então era pro consumo, hoje se matar 5 tambaquis grandes e levar na cidade vão brigar né? (Sr. Tambaqui, Membro do GRANAV, 50 anos, entrevista, 2021)

É importante destacar que no estado do Amazonas o movimento ribeirinho nasceu pela necessidade de lutar por vida digna, por alimento, em defesa dos recursos da água e contra a pesca predatória e o estrago que esse tipo de pesca provoca (Batista, 2007). Logo os empates que começaram por aqui não foram sem motivo, mas sim na necessidade de não deixar que os invasores exaurissem os lagos.

Então era sim, quando começava a encher os lagos e começavam a cair frutas, a gente fazia a mesma coisa, tinha que atravessar o canaranal pra chegar no igapó, então chegar no igapó pescar embaixo do capitarizeiro pra pegar tambaqui, eu lembro disso e era muito, muito menino, acho que eu tinha uns 8 ou 7 anos, mas eu lembro, então era assim que era. (Sr. Pirarucu, Liderança do GRANAV, 48 anos, entrevista, 2021)

A memória presente por vezes faz o papel de uma lembrança, o relato acima exemplifica bem essa lembrança longínqua, temos a capacidade de guardar na memória muitas ações passadas, experiências vividas assim como associa-las com algo que no momento vivido estava presente. Podemos associar por exemplo a um objeto ou com algum dos órgãos dos sentidos, como é o caso do olfato.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (Le Goff, 1990, p.59)

Dessa forma, ao tentar relembrar algo do passado, estamos buscando as informações que foram guardadas e associadas a algo específico do momento, e no caso presente indagamos a memória perspectiva pelos olhos da professora sobre a realidade dos lagos no tempo da criação do movimento e como estão atualmente.

Era bem farto, assim, eu nunca fui pescar né, mas eu participava das festas comemorativas do GRANAV que era lá na beira do lago e atrás era bem farto né, era tanto peixe que você escolhia para comer. Então era muita riqueza, muita variedade de peixe, da minha época é o que eu lembro. Na minha casa o meu pai não era um bom pescador, mas naquela época ele ia para o lago e trazia bastante peixe, porque tinha muito peixe no lago, que agora ele vai e não consegue trazer nada. Agora nem mais pesca né, ele só trazia porque tinha muito peixe no lago, agora a gente vê que as pessoas que vão pescar no lago até são bons pescadores, que eu observo o meu vizinho né, ele não traz mais aquelas quantidades de peixe que tinha. Então eu acredito que mudou bastante não sei o que aconteceu para ter diminuído o peixe, pode ser invasão dos Lagos não sei, tem vários fatores, acho que tem pessoas aqui que sabem melhor do que eu, mas nessa época era bem farto, tinha uma árvore grande lá que as pessoas faziam comemoração embaixo, era bem interessante. (Sra. Premembeca, comunitária, 51 anos entrevista, 2022)

Nesse relato podemos perceber o quão era farto e fácil pescar no lago, pois até quem não tinha tanta habilidade na pesca conseguia voltar pra casa com o suficiente para o sustento da família, hoje em dia esse provimento está bem abalado. Mas como veremos no relato a seguir, o comunitário faz uma associação de como a natureza tem o poder de se regenerar através dos ciclos das cheias.

[...], mas só que a fartura que tinha lá antigamente ainda continuou nesse tempo, né? Aí depois que foi ficando fraco, foi acabando mais a estrutura. [...] É porque a natureza ela é bem boa, né? Porque assim como um destrói, eu acho que ela conserva de novo, né? Só pra ter uma ideia esse ano não foi no fundo e no anterior foi a seca foi tão grande que não ficou quase nada, né? E como não foi esse ano a gente já recuperou. O lago ficou cheio, né? A gente vê bem peixe[...] (Sr. Canarana, Membro do GRANAV, 56 anos, entrevista, 2022)

3.3 Perspectiva ambiental: “desde curumim ele me levava na popa da canoa dele”

A preocupação com as invasões dos lagos foi o ponto de partida para a criação do movimento, mas não é a única fonte de ameaça ambiental, os entrevistados relatam que ainda durante a infância deles, a Ilha do Paraná de Parintins sofreu com diversas degradações, na época ainda sem o conhecimento que detém hoje, eles relatam que ocorreram outros fatores agravantes como o desmatamento para o plantio da juta, as queimadas, a criação de gado na Ilha que foi destruindo gradativamente a área do entorno dos lagos e que hoje sofre com o assoreamento do leito dos lagos. Seguem os relatos que nos contam dos impactos ambientais:

Eu lembro que meu pai ele era pescador de pirarucu, ele só pescava pirarucu, e quando eu era curumim, desde curumim ele me levava na popa da canoa dele. Então eu ia embora com ele pro lago [...] pra passar de um lago pro outro tinha que passar os barrancos[...] aí então a gente metia o mará e varava de um lago pro outro atrás de pirarucu, o papai só pescava pirarucu. Mesmo assim a fartura era grande porque a gente não conseguia matar o pirarucu se ele não saísse do barranco[...] O lago ele era uma pequena abertura dentro de um sistema, esse sistema tinha um canaranal grande até chegar no igapó, de forma que quando a água descia, essa vegetação que tava no entorno ela fechava a boca dos lagos e os peixes ficavam todos dentro, então quando a água voltava esses peixes saíam novamente.[...] Aqui na Ilha nós só temos um resquício de floresta primária, que fica quase na ponta da ilha[...]e a juta destruiu toda essa floresta de várzea e todo mundo plantou juta, como aqui era ilha e era ideal pro plantio, então todo mundo plantou juta, [...] ela destruiu a floresta mas /ela não destruiu a vegetação que ficava até aqui [...] meus pais plantaram também, então, eles faziam o roçado e tacavam fogo, aí o fogo queimava essa canarana que eu estou dizendo que ficava na margem do lago, então passava semanas queimando[...] ela nascia de novo e essa canarana protegia o leito do lago. Se a gente for fazer um esquema de canarana e premembeca que era a vegetação que protegia os lagos nesse período, ela nasce e ela cresce até lá em cima né, então ela forma uma barreira de proteção [... a sedimentação que entra do rio quando ela dava na canarana lá ela ficava, então ela não atingia o leito do lago, então lá ela fazia essa barreira de forma que nesse período da juta os lagos não perderam seu leito[...] ou seja os peixes continuavam dentro do lago. (Sr. Pirarucu, Liderança do GRANAV, 48 anos, entrevista, 2021)

Aqui era super populoso e mesmo assim esse sistema conseguia manter essa população, hoje tem mais povo ainda, mas eles estão todos espalhados, naquele tempo era concentrado. [...] Então, quando eu tinha 16/17 anos eu matei jacaré pra vender, eu entrei no GRANAV em 98, [...], mas eu era pescador, meu pai me ensinou a pescar, se eu encontrasse pirarucu com filho podia contar que estava morto, não tinha salvação, e a gente vivia disso, nessa realidade. [...] E essa mudança que ocorreu depois da juta veio a pecuária, a juta entrou em decadência [...] então depois que veio a pecuária, o gado comeu essa última parte que exista de proteção que tinha, que seria a canarana e a premembeca que ficava na beira dos lagos, com isso mudou essa vegetação, invés da canarana que protegia e fazia essa barreira virou tudo murizal, você andava na beira dos nossos lagos e era tudo muri e arroz que é uma vegetação que ela não protege mais, o muri ele vai pro fundo com a água e ele não faz nenhuma barreira[...] Com o término da juta também, a pesca foi a opção que se teve, inclusive incentivo pra pescadores, tanto é que se financiava pra pesca, financiava as redes, o barco, financiava formas de que o pescador chegasse mais distante. (Sr. Pirarucu, Liderança do GRANAV, 48 anos, entrevista, 2021).

De acordo com os relatos do entrevistado, foi possível fazer um desenho baseado em suas memórias da infância junto com o pai, momentos únicos vividos em companhia de seu parceiro de pesca.

Figura 2: Desenho baseado na memória do entrevistado.



Fonte: Autoria própria (Thamy Barbosa)

Os relatos acima expressam os desafios, os conflitos e os impactos de atividades comerciais desenvolvidas sem pensar a necessidade de quem vive nos territórios rurais e depende dos recursos aquáticos. Como bem dito no relato, na época do plantio da juta praticamente todos os moradores da ilha fizeram essa atividade e pra isso eles precisaram derrubar uma parte da floresta primária que fazia essa proteção dos lagos durante a cheia e queimaram o canaranal, mas ele voltava a crescer.

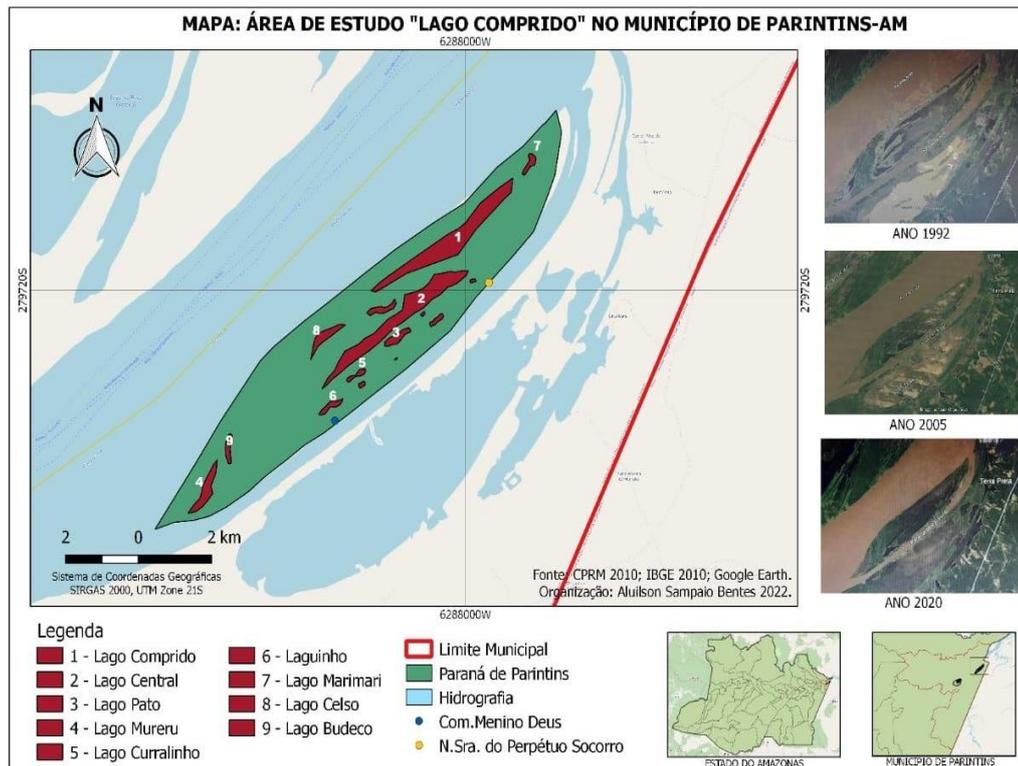
Após esse período, sem outra atividade econômica, veio a pecuária que então o gado conseguiu acabar com o canaranal e no lugar ficou o muri e arroz que são um tipo de vegetação que não fazem proteção durante a cheia, pois eles vão pro fundo do rio, contribuindo então para a degradação do leito dos lagos, que sem essa proteção da vegetação nativa ficou a mercê da força da natureza, pondo em risco todo processo reprodutivo no lago e em seu entorno, como veremos adiante em mais um relato.

[...], mas até chegar a isso aí, temos todas essas mudanças, se hoje estamos dentro dessa realidade são todos esses fatores que aconteceram, mas que muitas vezes não se tinha consciência que iria levar a essa situação. Uma das coisas que as vezes nós não percebemos é a capacidade que o rio tem de depositar sedimentos, ela é muito alta. Se vocês forem subir o rio, ali no Irajá, onde começa aquelas pedras lá, vocês passam lá e o rio está levando o sedimento que ele depositou, se você olhar lá tem 4 metros de sedimento depositados só ao longo de uma cheia. Então se o lago não tem essa proteção contra esse sedimento, em 4 ou 5 cheias ele vai ser totalmente aterrado. (Sr. Pirarucu, Liderança do GRANAV, 48 anos, entrevista, 2021).

Ele vai ser aterrado e é o que acontece pra nós[...] porque assim, quando inunda isso tudo aqui, esse barro que vem de lá, passa por aqui deixa um pouco e vai lá pro lago, lá dentro ele deposita o resto[...]aí que entra os invasores porque o lago fica muito baixo, e fica todo limpo. Quando é esse tempo aqui que ficava fundo o lago, ele fica baixinho, então em breve se continuar as cheias desse jeito aí nós perderemos nossos lagos. Se nós protegemos isso aqui com árvores, aí não acontece muito[...] (Sr. Tambaqui, Membro do GRANAV, 50 anos, entrevista, 2021).

As preocupações dos líderes da entidade não são apenas ameaças para um futuro incerto, elas já acontecem na atualidade. O mapa abaixo nos mostra que o depósito de sedimento, devido à destruição da vegetação de proteção dos lagos, já está causando um preenchimento que está acabando gradativamente com o cordão de área verde e se isso continuar em breve os lagos deixarão de existir.

Figura 3: Mapa da Ilha do Paraná de Parintins-AM.



Fonte: Bentes e Barbosa (2022)

Nesse mapa podemos perceber que na atualidade as margens dos lagos estão mais estreitas, apenas comprovando o que os relatos nos alertam que acontecerá se nada for feito para recuperar a área que envolve seus leitos. Já se observa uma diferença em comparação com os anos passados.

3.4 Perspectiva educacional: contribuições do Granav para a Educação do Campo

O chão fértil dos movimentos sociais germinou sementes que estavam dormentes, nesse sentido foi a ameaça à vida, à sobrevivência de toda uma região que despertou nos moradores o sentido de que eles precisavam lutar por seus direitos e para isso eles precisavam adquirir conhecimentos que seriam suas armas. Tiveram o despertar da consciência crítica para a

necessidade de que conhecimento é poder, não aquele poder que corrompe, mas aquele poder que liberta. Como cita Paulo Freire (1987, p.32) “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor”.

Nesse contexto o campo brasileiro era visto apenas como lugar geográfico, atrasado e seus habitantes como rudes e sem conhecimento, que precisariam ir para as áreas urbanas modernizar-se. Esta visão propagada pelo sistema capitalista de produção, formou estereótipos acerca dos camponeses, que eram alvos de resquícios das ações do estado. No que tange a educação, o campo sofreu com a falta de escolas, pois para o sistema, o campo não precisaria de muito, porque de acordo com o trabalho e as condições de vida neste lugar não era necessário grandes investimentos.

Nesse sentido, a educação do campo ressurge como um instrumento de libertação, uma necessidade latente dentro de cada um e ao fazer essa articulação com os movimentos sociais o seu conceito é alargado, como diz Silva (2006, p. 62):

A educação é uma prática social que tem o objetivo de contribuir, direta e intencionalmente, no processo de construção histórica das pessoas, e nesse sentido, os movimentos sociais como práticas sócio-políticas e culturais constitutivas de sujeitos coletivos, tem uma dimensão educativa, à medida que constroem um repertório de ações coletivas, que demarcam interesses, identidades sociais e coletivas que visam a realização de seus projetos por uma vida melhor e de humanização do ser humano

A Educação do Campo é essa educação que agrega todos esses saberes e transpõe os muros da escola formal, ou seja, ela pode ocorrer em qualquer espaço, é também necessária para que as pessoas se tornem conscientes de seu papel como cidadãos. Ressalto a importância dos movimentos sociais na criação da Educação do Campo e nas lutas pela efetivação de políticas públicas que atenda os povos do campo, de maneira que seja construída com as comunidades, uma Educação do Campo que defenda a diversidade, identidade da classe trabalhadora que vive e sustenta-se da terra, das águas, além de vivenciar processos formativos com o trabalho.

As lideranças destacam que as lutas pela preservação abriram as portas para a criação do GRANAV, e como resultado surgiram vários outros movimentos culturais, movimentos de luta e também por meio do GRANAV surgiu o FOPINECAF (Fórum Parintinense de Educação do Campo, das Florestas e das Águas Paulo Freire), que realiza rodas de conversa nas comunidades para fazer o processo de escuta dos participantes e dialogar sobre possíveis soluções para a pauta.

Figura 4: Reunião do FOPINECAF



Fonte: Acervo próprio

O movimento ambiental ribeirinho chegou ao entendimento de que sem educação não seriam capazes de vencer as lutas por seus direitos, pois a educação existente na comunidade era até a 4^o série, e os pais educavam seus filhos para irem embora.

[...] mas que houve mudança, houve, eu penso assim, que nós como pai, a gente é o culpado disso acontecer, porque a gente não ensina o filho da gente pra ficar no interior, por exemplo aqui, tem muitos pais que seus filhos estudam na visão do interior, naquela época era que seu filho estudasse até a 4^o série e depois eles iam embora porque não tinha condição deles ficarem aqui, quer dizer ele tinha razão, porque ele não queria que o filho como produtor rural, hoje não, hoje mudou [...] (Sr. Capitarizeiro, Membro do GRANAV, 56 anos, entrevista, 2021).

Então era necessária uma educação que atendesse a demanda dos comunitários, que até então viviam conformados com a formação escolar até a 4^o série, e entenderam que precisavam de um modo de defesa contra os ataques recorrentes do capitalismo, que cada vez mais os obrigava a servirem sem serem servidos. A fala seguinte expressa muito bem o sentimento presente em uma das reuniões do FOPINECAF: “O capitalismo quer que a gente venda, mas nós queremos partilhar.” (Sr. Pirarucu, Liderança do GRANAV, 48 anos, entrevista, 2021).

Alguns relatos sobre a escola da comunidade durante a infância são importantes para imaginarmos como era a educação da época, que nos revela ser compensatória.

[...] na época que eu comecei a estudar a gente vinha de lá da costa do Amazonas que dá mais ou menos uma hora de viagem de lá até aqui, a gente saía as onze horas da manhã e chegava em casa onze e quarenta ou meio dia andando. Aí chegava, tomava

um banho e uma hora da tarde estava na sala de aula, estudava e fazia o seguinte, quando era quatro horas da tarde, a gente já estava pressionando a professora para deixar a gente jogar bola, quer dizer que naquela época a gente tinha um pique danado pra fazer tudo isso. (Sr. Tambaqui, Membro do GRANAV, 50 anos, entrevista, 2021)

Eu lembro que a minha turma de 4º série a gente tinha 60 alunos, então era assim super populoso e mesmo assim esse sistema conseguia manter essa população, hoje tem mais povo ainda, mas eles estão todos espalhados, naquele tempo era concentrado. Então se vivia isso, as brincadeiras eram assim, todo mundo se reunia ia correr, ia jogar bola, ia pular no rio, então era assim. (Sr. Pirarucu, Liderança do GRANAV, 48 anos, entrevista, 2021)

Eles queriam o direito de viver em comunhão com a natureza. E o GRANAV, foi a chave para essa porta de oportunidades, onde a luta passou a ser também pela educação. Uma vez que se aprende sobre direitos é justo exigí-los para nunca mais ser invisibilizado pela falta dessas políticas públicas.

O aprendizado dos direitos pode ser destacado como uma dimensão educativa. Os movimentos sociais colocam a luta pela escola no campo dos direitos. Na fronteira de uma pluralidade de direitos: a saúde, a moradia, a terra, o teto, a segurança, a proteção da infância, a cidade (ARROYO, 2003 p. 30)

Ainda durante as lutas ocorriam reuniões ao ar livre, tais reuniões eram um berço de aprendizagens, elas ocorriam debaixo de uma árvore a beira do lago, o apuizeiro. Os sujeitos da pesquisa falam com saudade desse lugar, que foi marcado por vários cultos ecumênicos e celebrações de conquistas e partilhas da vida, sonhos e projetos coletivos, mas como servia como ponto de encontro para os ribeirinhos, o mesmo foi queimado para tentar coagir os participantes do movimento.

O direito a escola foi sendo exigido cada vez mais pelo Movimento e através de parcerias eles conseguiram que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) fosse implantada na comunidade com o objetivo de atender a toda a região do Paraná de Parintins.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo analisar como as memórias e experiências do movimento ribeirinho do PAE Ilha Paraná de Parintins contribuiu com a educação, ao longo dos anos, entre 1992 que foi a data de sua institucionalização até o ano de 2020. Partimos em busca dos relatos dos participantes e membros do GRANAV que foram os sujeitos dessa retrospectiva histórica e rica de saberes amazônicos.

A pesquisa nos revelou que a memória é um bem valioso e de certa forma nos transporta para o momento que foi vivido ao ser verbalizado, pois o sujeito que nos conta a história passa através de palavras a emoção que viveu no momento. As lutas e os conflitos travados pela sobrevivência impulsionaram a necessidade também de educação, pois perceberam que não poderiam travar esse combate sem o conhecimento necessário para fazer valer seus direitos constitucionais.

E a educação trouxe a formação do ser reflexivo, crítico sobre sua própria realidade, além dos conhecimentos sobre as leis que regem aquele território, a lei das águas e das florestas. A partir dos conhecimentos adquiridos através do movimento, que impulsionou não apenas aquelas comunidades, mas sim todo o entorno, trazendo a troca de saberes, o olhar de sensibilização que revelou a necessidade de preservação para todos os seus habitantes, transformando-os em protagonistas de sua história.

Ao defenderem seus territórios das invasões de pescadores profissionais isso nos mostra que os comunitários não tinham interesse em aderirem ao sistema capitalista, seu foco é principalmente pela própria sobrevivência e de seus familiares, são pessoas humildes que não tem o interesse em consumismo exagerado, querem viver com o que a natureza os pode fornecer, além dos seus animais e pequenos plantios que não prejudiquem o ecossistema.

Deixamos o alerta também para esse olhar mais direcionado à preservação dos lagos, pois de acordo com os relatos, se não houver uma intervenção para recuperar os leitos dos mesmos através da restauração de toda a mata ciliar, brevemente as cheias dos rios causarão o total aterramento ou extinção deles, pois já é visível o depósito de cada vez mais sedimentos em seus leitos, e isso causará um grande impacto naquela região que é repleta de lagos principalmente de procriação.

O GRANAV segue com sua luta por direitos e preservação, apesar do número de seus membros estarem diminuídos, mas ela continua e a força com que falam e defendem a sua história é emocionante e nos incentiva a levar adiante essa demonstração de resistência.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E.; LINS, F.; ALBUQUERQUE, F. **O homem em sintonia com a Natureza**. Parintins: IBAMA/PRO-VÁRZEA, 2004. (Coleção Retrato Regional).

ALBUQUERQUE, C. C. D. **Análise geocológica da paisagem de várzea na Amazônia Central**: um estudo estrutural e funcional no Paraná de Parintins-AM. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2012. 225 p. (tese de Doutorado).

ALBARADO, E. da C. **O significado da prática de sustentabilidade socioambiental do GRANAV junto às comunidades ribeirinhas do município de Parintins (AM)**. 2016. 165f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós- Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

ALBARADO, E. C; VASCONCELOS, M. E. O. **Navegando nas práticas organizativas, educacionais e socioambientais do povo ribeirinho amazônica**: estratégia de resistência e existência. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 18, n. 2, p. 59-80, maio/ago. 2019.

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. **A Educação Básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 1999. Col. Por uma Educação Básica do Campo, n.2.

ARROYO, M. G. **Pedagogias em Movimento** – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? *In*: Currículo sem Fronteiras, v 3, n. 1, PP. 28-49, Jan/jun. Minas Gerais. 2003.

BATISTA, D. **Complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. 2. Ed. Manaus: EDUA/INPA, 2007.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DELGADO, L. de A. N. **História Oral** – Memória, tempo, identidades. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GHEDIN, E. **A estrutura reflexiva e a educabilidade dos movimentos sociais como alternativas ideológicas hegemônicas**. *In*: BORGES, H. da S; VILHENA JÚNIOR, W. M. (org.). **Movimentos sociais do campo: aspectos históricos, ideológicos e políticos**. Manaus: UEA e Editora Valer, 2013b.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

LOPES, E. M. T; OLIVEIRA, A. M. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LOPES, E. M. T; OLIVEIRA, A. M. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAYBURY-LEWIS, B. **Terra e água, identidade camponesa como referência de organização política entre os ribeirinhos do rio Solimões**. In: FURTADO, L. G. Amazônia: desenvolvimento, sócio-diversidade e qualidade de vida. Belém: UFPA/NUMA, 1997.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PEREIRA, H. D. S. Iniciativa de co-gestão dos recursos naturais da várzea. Manaus: Ibama/ProVárzea, 2004.

POLLACK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RIBEIRO, M. **Movimentos sociais e educação: uma relação necessária**. In. REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 11, n. 1, Passo Fundo, p. 35-61 - jan./jun. – 2004.

SPÍNOLA, H. B. **O ribeirinho: ontem e hoje na defesa do peixe no Amazonas**. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1997. (Dissertação de mestrado).

SILVA, M. do S. **Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo**. In: MOLINA, M. C. (org.). **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: MDA, 2006.

THOMPSON, P. **História oral e contemporaneidade**. História Oral, 5, 2002. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br>. Acesso em: 07 agost. 2020.

VASCONCELOS, M. E. O, HAGE, S. A. M. Memórias do movimento de ribeirinhos e ribeirinhas no Amazonas. In: SOUZA, D. V. S, VASCONCELOS, M. E. O, HAGE, S. A. M. (org.). **Povos ribeirinhos da Amazônia: educação e pesquisa em diálogo**. Curitiba: CRV, 2017, p. 131-145.